

RELAÇÕES DE FRONTEIRA NA CIDADE DE BOA VISTA/RR: Entrevista Com O EX Vice-Reitor Da UFRR, Prof. Dr. Américo Alves De Lyra Jr.

Claudia Helena Campos Nascimento¹

Américo Alves de Lyra Júnior²

1. APRESENTAÇÃO

O professor Américo Alves de Lyra Júnior é um dos fundadores do curso de graduação em Relações Internacionais, além de docente do Programa de Pós Graduação em Sociedades e Fronteiras (PPGSOF) já ocupou a posição de vice-reitor da Universidade Federal de Roraima. Cargo que ocupava quando desta entrevista.

O registro de seu ponto de vista se torna relevante no atual contexto por sua posição privilegiada, tanto como representante institucional quanto como pesquisador no contexto das relações interfronteiriças, cujo olhar atento se debruça em pesquisas sob o tema das Américas e Amazônia nas relações internacionais, com enfoque na formação dos Estados americanos que compartilham a bacia ou participam da fauna e flora de seu bioma. Assim as Relações Internacionais Transfronteiriças, especialmente entre Brasil/Guiana/Guiana

¹ Mestre em Arquitetura e Urbanismo (Patrimônio, restauro e tecnologia); possui especialização em Artes Visuais e Semiótica. Graduada em Arquitetura e Urbanismo pela Universidade Federal do Pará (2001); E-mail: claudia.nascimento@ufrr.br;

² Pós-Doutor em Relações Internacionais no Instituto de Relações Internacionais da UnB (IREL-UnB), Graduado em Filosofia, Mestre e Doutor em História (UnB); E-mail: americo.lyra@ufrr.br

Francesa/Suriname/Venezuela e os estudos em Filosofia Política (com especial atenção nos temas relativos a ordem e sistema internacionais) o habilitam para apresentar de forma apropriada a percepção sobre o atual movimento de trânsito migratório na capital roraimense e, conseqüentemente, para o Brasil.

Mais que o registro de uma entrevista, o diálogo entre professores da mesma instituição sobre o fenômeno, porém de campos diversos, permitiu o enriquecimento do debate que, nisso há consenso, não se encerra nas visões aqui registradas. Assim, a professora Cláudia Nascimento, como entrevistadora com formação em Arquitetura e Urbanismo, faz a mediação de questões previamente acordadas com o Vice-Reitor da UFRR, professor Américo Lyra, contudo se torna sensível a necessidade de expansão das questões levantadas.

A situação do fluxo venezuelano se torna pano de fundo para a compreensão de outros sintomas da sociedade atual, como a perda de espaço para a pesquisa científica e de pesquisadores para outros territórios mais promissores.

Essa é a alma desta entrevista, realizada no dia 3 de setembro de 2019, com registro em áudio, ao qual segue a transcrição. Mais que buscar respostas, sua contribuição é transcender às inquietações perceptíveis no contexto da Universidade Federal de Roraima, em Boa Vista e para a Amazônia, a partir do Caderno 4 Campos, do Programa de Pós-Graduação em Antropologia da Universidade Federal do Pará, na esperança de contribuir para a compreensão do processo que não é atual, é constante e um sintoma dos novos tempos em escala mundial.



CLAUDIA NASCIMENTO:

Gostaria que o senhor relatasse sobre o histórico institucional da UFRR, quando surge essa preocupação sobre essa relação interfronteiriça, na tríplice fronteira: se ela surge antes da criação do Curso de Relações Internacionais, e o curso como consequência, ou se o Curso de Relações Internacionais – que tem quinze anos – ou se surge para dar resposta a uma demanda maior.

AMÉRICO LYRA JÚNIOR:

Bem, professora Claudia, o Curso de Relações Internacionais, ele surge em 2006. Em 2003 ou começo de 2004 houve uma especialização em relações fronteiriças na UFRR. Foi uma especialização, salvo engano, realizada pelo Departamento de História, ou Departamento de Ciências Sociais, eu não me recordo bem, mas havia a identificação de que era preciso pensar melhor essa fronteira – essas duas fronteiras – com o Brasil, na qual nós aqui representamos como unidade federada. Então eu posso dizer que havia uma percepção das fronteiras. Havia essa percepção de uma fronteira pouco acionada pelos brasileiros – à época que era a fronteira com a Guiana, Lethem – e uma fronteira mais fluida, que era com a Venezuela. Talvez pela própria língua : mais fácil tentar um portunhol que tentar se comunicar em inglês...

CLAUDIA NASCIMENTO:

E inglês guianense, né.

AMÉRICO LYRA JÚNIOR:

Sim, inglês guianense, muito bem lembrado, que deixa a coisa mais difícil!

Vale lembrar que por 2003, 2004 não existia a ponte [sobre o rio Tacutu, fronteira física entre o Brasil e a Guiana], então a ida para Lethem era mais difícil, sem contar que Lethem não tinha muitos atrativos também, como tem hoje em termos comerciais.

Então, o curso eu vejo como uma, não necessariamente como uma consequência dessa pós-graduação, mas uma identificação. Porque nós também surgimos na esfera do REUNI. O REUNI impôs às universidades a criação de novos cursos. Então eu acho que essa combinação de fatores contribuiu para que surgisse o Curso de Relações Internacionais, para que se pudesse ter especialistas, não só para discutir fronteiras, mas também para discutir relações de integração. Vale lembrar que no começo dos anos 2000, sobretudo com o processo de globalização, você tem o reforço dos processos de integração regional. Basta lembrar que Porto Alegre vai virar a capital nacional do Mercosul. Então acho que isso contribui também para o surgimento do curso: ele vem muito na perspectiva muito positiva, e de muita esperança, que existia em termos de pensar numa América do Sul integrada, uma América do Sul capaz de cooperação, dentre elas a própria operação do FoMercó [Fórum Universitário do Mercosul] que permitiu o fluxo de pesquisadores, universidades, institutos...

CLAUDIA NASCIMENTO:

Então, professor, existe um reconhecimento institucional dessa necessidade que, historicamente, gerou essa especialização e a percepção desse fluxo, dessa frequência internacional. Recentemente, nós sabemos, tem esse fluxo venezuelano que, pessoalmente eu prefiro não

chamar de imigração, porque, muitas vezes há um fluxo pendular – eles vêm e vão – nem sempre eles estão só vindo. E diante da fragilidade desses grupos, o Brasil, o estado de Roraima, a cidade de Boa Vista especialmente, precisou de um aporte da ACNUR. Como que surgiu essa parceria, essa percepção e essa aproximação da ACNUR e como ela se insere dentro da UFRR?

AMÉRICO LYRA JÚNIOR:

Sempre existiu o fluxo, não só venezuelano, mas o fluxo guianense em menor escala, o cubano, o haitiano... Quer dizer, sempre fomos de alguma forma o corredor para dentro do Brasil e que permitiu que os nossos irmãos latino-americanos pudessem fazer daqui o local de trânsito.

Já no final da primeira década dos anos 2000 a gente vive um momento de grande dificuldade mundial: vale lembrar aqui as crises que implicam em movimentos maciços de pessoas não acontece só aqui. Você vê isso acontecendo tendo como ponto final a Europa; você tem esse fluxo acontecendo também a nível de América Latina e aqui nós sentimos isso com esse fluxo maior, venezuelano. Que, evidente, acho que deve ser melhor observado, por um problema geopolítico aí muito grave, que intensificou esse fluxo.

No primeiro momento – eu gostei muito da sua leitura – eles vivem contextos distintos, e esse primeiro momento você tem o contexto em que as pessoas usam Roraima como local de trânsito: elas vêm pra ir embora, elas não vêm pra se fixar. Só que o fluxo que se tem a partir daí, eu recorde, não é uma coisa que acontece só a nível de Venezuela ou a nível de países latino-americanos, está sendo a nível de mundo. Isso fez que o Brasil, como país signatário de tratados internacionais, se visse obrigado a se posicionar frente a esse problema e atraiu aí a atenção de órgãos internacionais, dentre elas ONU e seus instrumentos, como a ACNUR. A preocupação da ACNUR e da ONU, que eu considero muito corretas, foi a de evitar ou tentar diminuir o impacto político, ideológico e partidário nas ações de seus braços, como a ACNUR. E a universidade foi o melhor local pra isso. A universidade...

CLAUDIA NASCIMENTO:

...tem autonomia científica, de produção de conhecimento...

AMÉRICO LYRA JÚNIOR:

Exato! Isso nos colocou necessariamente nesse abraço maior. Então: não tinha como ser diferente. Tínhamos que ser os atores proativos – não os únicos atores – mas os mais proativos nesse sentido. Evidente que contando com a ajuda do Exército Brasileiro, das Forças Armadas como um todo, mas em especial do Exército, da própria sociedade civil. Mas a nossa posição de proatividade, pelos aspectos que você colocou muito bem, e sobretudo pela autonomia da produção do conhecimento, da nossa autonomia científica, nos colocou com essa responsabilidade.

CLAUDIA NASCIMENTO:

Bem professor, então nós temos uma situação dentro da UFRR, de institucionalização dessa recepção e essa percepção também dos fluxos e eu queria a sua opinião como professor do Curso de Relações Internacionais e do Programa de Pós Graduação em Sociedade e Fronteiras,

e como vice-reitor, qual é a avaliação que o senhor faz sobre a atual momento dos fluxos em Boa Vista?

AMÉRICO LYRA JÚNIOR:

Como vice-reitor eu falarei como gestor e abriria aí uma, digamos uma autocrítica enquanto gestão: eu acho que aproveitamos mal esse fluxo no sentido de que deveríamos ter negociado melhor com outros atores, inclusive a própria ACNUR, a forma dessa ajuda porque nós temos pesquisadores, nós temos grupos de pesquisa muito bons que não tiveram a devida entrada e acesso a informações que foram colhidas por esses grupos e também pelo Exército. Eu acho que isso foi algo que vale *mea culpa*. Lembrando aqui que a Escola de Chicago, quando eles começaram a estudar porque que Chicago era tão violenta, ao conseguir refletir e trabalhar os dados, eles simplesmente criaram a teoria para Sociologia Urbana! Então hoje você tem a Escola de Chicago como referência para todos os estudos universais, adequando às realidades, mas uma teoria, e toda teoria é universal. Nós perdemos a chance de ter uma teoria nesse sentido, então fica aí uma autocrítica.

Como professor-pesquisador eu vejo hoje um outro momento que vai nos exigir se colocar mais firme frente ao que está acontecendo. Não com preconceito. Hoje a gente tem um fluxo que vem pra cá e, essa chegada dos venezuelanos, ela implica em um choque cultural. Não estou dizendo que a gente tenha que ter um preconceito com eles, mas a gente vai ter que entender que a gente vai ter um conjunto grande de ressignificações para uma cidade, para um estado, onde a própria construção identitária já era frágil. Então acho que isso, sabe, professora Claudia, tem um impacto que nós vamos ter que aprender a lidar, vamos ter que reaprender a lidar com novos instrumentos, para começar a compreender isso. De uma forma melhor: eu vou me atrever aqui (te peço desculpas, mas vou entrar um pouco na tua área, que não é a minha, então posso falar uma besteira muito grande) [risos] que eu conversava um dia desses com um amigo, amigo de São Paulo, a gente conversava por telefone, e ele começou a falar sobre a formação de São Paulo, que eu não sabia. Bairro onde você tem os italianos tem uma outra formatação de cidade. A cidade de onde eu vim, que é Brasília, é uma cidade muito fria: a forma de se fazer foi outra, foi moderna, no sentido do conceito de Moderno.

CLAUDIA NASCIMENTO:

Sim... Sim...

AMÉRICO LYRA JÚNIOR:

Aí a gente conversando veio um *insight*: caramba, mas será que a gente não corre o risco de uma remodelação urbana do estado, ou talvez mesmo do município de Boa Vista, nesse sentido? A área dos venezuelanos, a área dos haitianos, a área dos cubanos... Não sei, me veio isso à mente, será que essa reconfiguração – e aí eu vou pra minha área – não vai começar a ter um tipo de pressão política que possa redirecionar os atores políticos locais? Sabe, então assim, de uma forma sistemática comecei a pensar esses enquadramentos e relações de possibilidades. Então, enquanto pesquisadores e professores nós somos chamados a pensar esse novo momento.

CLAUDIA NASCIMENTO:

Isso, professor, dentro do Curso de Arquitetura e Urbanismo, tem sido percebido. Existe um trabalho muito interessante de conclusão de curso orientado pela professora Paulina Onofre Ramalho (infelizmente o autor, o Paulo Ricardo Carvalho de Freitas, que foi um dos convidados a apresentar um artigo para a 4 Campos, mas não apresentou o artigo) que é justamente essa percepção da conformação da cidade a partir desses atores sociais, que muitas vezes a gente no campo da Arquitetura, e do Urbanismo especialmente, pensa nas intervenções físicas (e até mesmo a própria formação leva a isso) e esquece que a cidade é feita por pessoas. Então, existe um vício muito grande da modernidade, dessa predeterminação. Brasília é predeterminada. A maioria das cidades, em tese, não é. Boa Vista existe uma reificação sobre o plano urbanístico [projetado por Darcy Aleixo Derenusson, na década de 1940], mas Boa Vista não é mais o plano urbanístico, Boa Vista já é muito maior do que isso. Então, por exemplo – eu participava do Conselho Municipal de Cidade de Boa Vista como representante institucional, pela UFRR –, e boa parte das reclamações eram em torno do bairro do Caimbé, da preocupação das pessoas sobre esses novos atores na vivência do bairro Caimbé. Isso sem que as pessoas percebessem que existe, na própria Zona Oeste [de Boa Vista] bairros que são essencialmente de maranhenses, ou essencialmente de pessoas oriundas do garimpo. Existe a chamada rua do ouro, lá no Centro. Então essas territorialidades acabam, sim, conformando a cidade, e eu acho que é isso que dá a riqueza de uma cidade, em termo vivencial, que diferencia uma São Paulo de uma Brasília. Aí entra aquela questão dos processos aqui na Amazônia serem melhor perceptíveis do que numa outra cidade. Então é possível, acredito, sim professor, antever que essa contribuição nessa territorialidade vá acabar surgindo, de alguma maneira

AMÉRICO LYRA JÚNIOR:

Me chama muita atenção, o fato de viver em Brasília, porque até eu vir para cá, embora já conhecesse outros locais, mas o fato de ter vivido de fato e conhecer Roraima, ou melhor, Boa Vista. Então, me lembro que, ainda estava no doutorado, e eu já tinha qualificado, precisei fazer uma volta à Brasília, e quando eu comecei a andar de ônibus, decidi descer do ônibus e andar: coisa que eu não tinha feito até então. E comecei a perceber como aquilo era frio, no sentido de uma *mimesis*, era sempre uma repetição da mesma coisa. Aí eu lembrei de um professor que eu tive, também carioca (na verdade paraense nascido no Pará, mas criado no Rio), e ele dizia que quando chegava a Brasília ele se perdia porque os blocos eram todos iguais e ele nunca sabia onde ele estava, que a cidade não tinha alma.

CLAUDIA NASCIMENTO:

Coisa mais estranha é a gente andando em Brasília. Faço essa experiência quando vou a Brasília e todo mundo... os carros olham pra mim, né.

AMÉRICO LYRA JÚNIOR:

Ótimo! Exatamente isso! Eu só consegui deixar de ser o carro olhando pra ti quando passei a ser, não mais o carro, mas uma pessoa. Quando dei uma personalidade para aqueles carros. E eu só consegui isso porque passei a viver aqui. E, aqui, de uma certa forma, acho que o carro

também olha pra ti, mas aqui existem espaços em que é mais difícil o carro te olhar porque você não é o carro, é a pessoa. E isso dá uma outra forma de relação com a cidade que, vamos dizer, me humanizou, no tocante a ter a cidade como minha, então isso é muito intenso. Muito forte.

CLAUDIA NASCIMENTO:

Então, voltando a esses fluxos migratórios, eu visualizo também (entrando em sua seara, já que eu sou arquiteta e urbanista e posso estar falando bobagem), que não é um fluxo, mas vários fluxos. Roraima é um território de fluxos e cria perfis diferenciados, situações históricas diferenciadas, próprias. E com o tempo, a migração nordestina, ou mesmo o tempo do garimpo dos anos 40, agora são considerados como referenciais. Eu acredito que esses fluxos dos venezuelanos em algum momento também serão reconhecidos. Então, eu queria que o senhor comentasse se essa minha percepção de que foram vários fluxos, especialmente dessa questão da Venezuela, desse momento da Venezuela. Se é apenas uma percepção externa que, de certa maneira que esses atores já estão sendo vistos, já estão sendo percebidos? Em princípio, me dá a impressão que os Warao, que eu considero como um dos primeiros fluxos, eram vistos quase como exotismo, mas que agora se vê, se percebe e, em algumas escalas, se absorve muito esses novos passantes da cidade.

AMÉRICO LYRA JÚNIOR:

Adorei o termo “passantes”. [risos] Ele é bem feliz.

Eu concordo contigo, acho que assim isso vai sendo percebido, sabe professora, e é uma das grandes dificuldades, porque são fluxos. Os contextos são diferentes, os atores se movem por interesses distintos e é tudo muito rápido. Sabe, pra nós que somos pesquisadores, às vezes, estando no calor do momento, a gente não consegue ver. A gente vê sempre com um olhar anacrônico: você vê quando passou. É como se fosse aquela ideia da foto: você percebe o movimento e fala “caramba esse movimento não é só esse, ele foi mais, ficou mais coisa pra trás...”. E que nós não conseguimos identificar com precisão. Mas eu vejo como fluxo sim. Nós vamos ter, acho que, muitos anos daqui pra frente para poder entender melhor: nós temos uma foto desse movimento maior que você colocou. E uma foto, ou melhor, um movimento que já mexeu com a história de Roraima, mexe com a sociedade; acho que hoje somos uma sociedade diferente daquela anterior, mas, ao mesmo tempo, vou me permitir colocar um termo aqui que eu gosto muito dele: nós nos mantemos numa tradição. Você colocou bem: uma tradição dos passantes. Acho que o estado de Roraima, e em especial o município de Boa Vista, é um município e um estado de passantes. Essa é uma tradição. Isso não quer dizer que todos os passantes sejam iguais, não quer dizer que os passos estejam na mesma velocidade, e sim, não quer dizer que os passos estejam direcionados para o mesmo local: mas os passos são sempre passos!

E esses movimentos, você colocou muito bem, temos os passantes do período do garimpo (que deixou marcas na sociedade), nós tivemos os passantes com a vinda dos nordestinos, e depois uma outra cara desse fluxo interno. Eu sou um dos passantes.

CLAUDIA NASCIMENTO:

Também sou. [risos]

AMÉRICO LYRA JÚNIOR:

E, agora, com os venezuelanos.

Sempre é bom lembrar: não só venezuelanos, evidente, maior agora o fluxo, mas mais visíveis agora em volume, por conta do inesperado da situação.

Passante: eu adorei essa palavra. Vou citar em algum artigo...

CLAUDIA NASCIMENTO:

Deixa publicar a entrevista. Aí você cita a fonte [risos]

AMÉRICO LYRA JÚNIOR:

Mas “passante” foi um termo que você cunhou, fantástico. [risos] Porque é isso: você pode ir, pode ficar, pode voltar... A ideia de passar é muito bonita.

CLAUDIA NASCIMENTO:

Aproxima à história do *flaneur*, também de se observar o outro que está nos observando. Em vez de só observar Paris, andar e perceber a cidade, perceber que esses atores estão aí modificando a paisagem, não só a paisagem física, mas a paisagem cultural, social... Eu acho ótimo parar numa banquinha qualquer e ter cardápio bilíngue! O potencial que Boa Vista está tendo de inserir a educação bilíngue de forma quase nativa...

AMÉRICO LYRA JÚNIOR:

Coisa que nós não tivemos nos grandes centros, né! Você vem do Rio de Janeiro, eterna capital do Brasil. Não tem como: você fala em Brasil: Rio! Rio vem à cabeça. Não tem como! Família imperial, os grandes movimentos políticos que mudaram a cara do país começaram, a maior parte deles, no Rio de Janeiro. Os mais significativos. Tanto que tem um livro maravilhoso chamado “Tempo Saquarema” que faz uma relação aos fluminenses, ou seja, o tempo do Brasil em relação aos fluminenses. São Paulo não tem a beleza que tem o Rio, isso é um fato. E eu de Brasília...

CLAUDIA NASCIMENTO:

Eu, pessoalmente, adoro Brasília. É porque eu gosto de observar, e Brasília é única, mesmo que seja para a gente avaliar como antítese [risos], mas ela é única!

AMÉRICO LYRA JÚNIOR:

Não tem como fugir, característico, né!

CLAUDIA NASCIMENTO:

Então, a gente consegue entender que a nossa situação de fronteira é bem interessante, ela traz potenciais. Existem outras situações de fronteira bem interessantes no Brasil e que estabelecem

relações diferentes: no caso, a fronteira sul, a fronteira oeste, especialmente. Nós temos uma grande faixa de fronteira em que as relações a gente não tem nem como mediar, mas aqui nós temos, como você falou também, um “corredor” importante. Como que o senhor avaliaria essa situação da nossa fronteira em comparação a essas outras fronteiras, em especial as tríplices fronteiras?

AMÉRICO LYRA JÚNIOR:

Eu te diria, professora, que é uma fronteira que passou por uma mutação, e te digo o porquê. No pós-doutoramento eu trabalhei com a fronteira Brasil-Guiana. Ela sempre foi uma fronteira de difícil compreensão para mim. Eu tive a felicidade de ser secretário da UNAMAZ, que é a Associação de Universidades Amazônicas, então rodei todos os países amazônicos, rodei todas as amazônias, e me chamou sempre atenção as fronteiras. E as fronteiras amazônicas – exceção feita à nossa – não eram tão fluidas (apesar de eu ter estado na Cabeça do Cachorro, que é onde você tinha a presença das FARC mais acentuada – e vai voltar a ter agora, que as FARC vão voltar à atuação), mas aqui era diferente. Eu não conseguia entender a diferença dela, mas ela é diferente. E hoje eu acho que essa diferença começa a ser quebrada porque quando você pensa – e eu estou pensando precisamente a nossa relação com a Guiana – era sempre uma fronteira voltada para o Caribe, ela estava de costas para a gente. Mas agora esse Caribe começa a se voltar pra gente. Vamos pensar Cuba: migrantes cubanos usando aqui para poder sair da ilha. Vamos pensar Trinidad e Tobago e outros locais que também estão mandando gente.

CLAUDIA NASCIMENTO:

E Boa Vista é faixa de fronteira da Guiana!

AMÉRICO LYRA JÚNIOR:

Sim é da Guiana.

CLAUDIA NASCIMENTO:

Não é da Venezuela.

AMÉRICO LYRA JÚNIOR:

Exato! E a gente dá pouca atenção.

E por ali, naquela faixa de fronteira, tem muita coisa interessante acontecendo. Nosso elo tem uma conexão mais profunda com a Venezuela porque tem uma conotação política muito forte. A Venezuela é a antítese do modelo que hoje nós vivemos no Brasil. Antítese do modelo que é tido como ideal, que é o modelo norte-americano. Foi o local onde se teve uma grande liderança popular que, pra bem ou pra mal, foi uma grande liderança popular. Critique, elogie, ame ou odeie: você não pode passar por [Hugo] Chavez sem perceber que ele está lá. Ou que ele esteve lá. Não tem como! É uma liderança muito grande: você vai amar ou você vai odiar. Não tem como chegar e falar “ah, não, eu não sinto nada por ele!”. [risos] Não tem meio termo. Ele não lhe permite o meio termo. E ali tem uma outra fronteira que também está se ressignificando.

Então, acho que respondendo à sua pergunta, acho que nós estamos numa fronteira – talvez a única no Brasil – que esteja conseguindo isso: ela está mudando, ela está em mutação. Ela está dando um outro direcionamento, e eu acho que esse outro direcionamento é um direcionamento que nós não conseguimos captar ainda, sobretudo nós daqui.

Porque a senhora colocou muito bem, professora: nós somos faixa de fronteira, enquanto Boa Vista, não da Venezuela. Nós somos faixa de fronteira da Guiana. Que durante muito tempo foi uma fronteira difícil de acessar, fosse pela língua: a senhora bem lembrou: o inglês guianense é complicado, são vários dialetos que se colocam, coisa difícil...

CLAUDIA NASCIMENTO:

A gente tenta exercitar o inglês lá, mas é difícil... [risos] E agora com tanto chinês no meio disso...

AMÉRICO LYRA JÚNIOR:

Não sai! [risos] Aí que o negócio fica difícil! [risos]

Antes você tinha o quê: se fosse o período de água no [rio] Tacutu, você tinha que passar o barco de balsa, então ainda tinha o tempo da balsa. Então era uma fronteira que ficava muito de costas pra gente. Como diz um amigo meu: eles têm a felicidade – ou infelicidade – de nascer falando inglês. Então, pra eles conseguirem entrada no mercado americano ou britânico é muito mais fácil que a gente. E você tem uma fuga de cérebros muito grande: o cara sabe que fala inglês, que o mundo mais avançado, em termos de economia e de absorção, é o mundo que fala inglês, ele vai para a Inglaterra, ele vai para os Estados Unidos...

CLAUDIA NASCIMENTO:

Não vem pra Boa Vista.

AMÉRICO LYRA JÚNIOR:

Não vem pra Boa Vista.

CLAUDIA NASCIMENTO:

Verdade! É uma análise interessante...

AMÉRICO LYRA JÚNIOR:

Então, ele não está interessado na gente. Diferente do venezuelano. Nos bons tempos da Venezuela eles vinham pra cá pra passear. Falavam oportunhol deles, nós falávamos o nosso, e íamos comprar lá. Quantas vezes eu me lembro de ouvir gente falando de ir para [ilha] Margarita! Era uma fronteira muito diferente. A outra não, a outra [com a Guiana] era uma fronteira difícil: fosse pela língua, fosse pelo acesso. Ainda continua sendo pela língua, mas hoje a gente percebe o quanto eles contratam mais do que a gente: os brasileiros estão conseguindo emprego lá, e não o contrário. Que guianense que consegue emprego no Brasil? É brasileiro que consegue emprego na Guiana.

CLAUDIA NASCIMENTO:

Emprego, ou mesmo empreendimento. Tem muito brasileiro montando negócio em Lethem!

AMÉRICO LYRA JÚNIOR:

É uma fronteira que a gente tem que ver melhor, por que é dela, por exemplo, que está vindo o cubano. A entrada de cubano que se fala hoje se dá pela fronteira que é livre, e, adorei sua percepção, estamos na faixa de fronteira. Nós estamos muito mais perto de Lethem do que de Santa Elena [do Uiarén]. E hoje Lethem consegue cumprir uma função que Santa Elena cumpria: você compra produtos importados. Não tanto agora porque a gente está vivendo uma crise econômica, mas quando o real ainda estava uma moeda relativamente forte era muito bom ir comprar em Lethem. Eu comprei pra minha filha um eletrônico em Lethem, não no Brasil: saía muito mais barato comprar lá, do que comprar aqui. Coisa que se fazia antes em Santa Elena. Assim, até a Venezuela voltar ao tempo da normalidade – a gente sabe que isso vai acontecer – só que isso vai levar tempo, porque as inteligências que estão indo embora vão ter que voltar, e isso é a coisa mais complicada.

CLAUDIA NASCIMENTO:

Bem, professor, então nós temos de forma bem clara que esse contexto da Venezuela que nos é, ultimamente, uma discussão bem comum, e até o motivo da minha vinda aqui, é só um momento – ou vários momentos – e que é importante perceber que esse esforço da pesquisa universitária, o esforço da revista Caderno 4 Campos de tentar consolidar esse tipo de discussão são marcadores relevantes também para levantar questões sobre eventos futuros como, também, como o senhor muito bem falou, desse retrato que a gente está vendo agora. Tentar que a gente possa ver um pouco melhor, não só a partir de uma descrição de uma imagem, mas a partir desses vários diálogos destas várias contribuições.

Gostaria que pudesse ficar livre para acrescentar qualquer complemento a essa nossa discussão.

Pessoalmente quero agradecer, antes de tudo, a sua disponibilidade pois acredito que são contribuições muito importantes para a gente levar, inclusive, essa compreensão sobre o nosso quinhão da Amazônia para a Universidade Federal do Pará, dentro do curso de Pós-Graduação em Antropologia, através do Caderno 4 Campos.

AMÉRICO LYRA JÚNIOR:

Professora, quem agradece sou eu a oportunidade de falar de assunto tão instigante e tão caro pra mim, e sobretudo uma conversa sempre inteligente que eu tenho contigo. Agradeço essa oportunidade e elogio a iniciativa e parabênzo à revista Caderno 4 Campos porque, preciso registrar, que sou um cético otimista. Mas sendo um pouquinho pessimista, mas não no sentido de jogar no chão, mas no de dizer que a gente precisa lutar, esforços como os que estão sendo empreendidos por ti agora são fundamentais.

Agora há pouco tive a notícia que o MEC vai cortar recursos e que a gente não deve ter bolsas para mestrados, doutorados e pós-doutorados, já de quem as tem, ano que vem. Sabendo, mas elogiando, os colegas da [Universidade] Federal de Santa Catarina, que no seu Colegiado, no seu Conselho Superior, decidiu não abrir vestibular até que os cortes sejam revistos. Então, em momentos em que o local que se produz conhecimento, e que é fundamental para garantir a

soberania de qualquer país, para garantir a integridade da teia social, vem sendo duramente atacada.

CLAUDIA NASCIMENTO:

Até nessa relação de contatos...

AMÉRICO LYRA JÚNIOR:

Até nessa relação de contatos.

Eu conversava ontem com a minha filha e ela perguntou: você é historiador, filósofo, me explica uma coisa aqui. Aí eu brinco com ela e digo “está mais para eu desorientar que explicar”. Mas aí a gente brincava e eu dizia a ela o seguinte: os registros que nós temos, o homem ao sair das cavernas aprendeu a valorizar o conhecimento e a arte. As pinturas rupestres são exemplo disso. Nos permite sermos capazes de abstrair e criar uma interpretação do mundo. E hoje a gente faz o caminho contrário, apagando a expressão das artes e criando obstáculo à produção de conhecimento. Porque vejo muito o trabalho do pesquisador como trabalho de artesão: eu acho que nós somos os artesãos do conhecimento, os artesãos da tecnologia. Então, quando a gente vive esse momento tão triste, momento de tanta desesperança, ver o empenho que você tem, que a revista tem, é algo que me faz falar: olha, eu posso ser um cético otimista, mas eu vou aumentar mais meu otimismo que o meu ceticismo.

Obrigado!

CLAUDIA NASCIMENTO:

Obrigada.

